

DIAS PERFEITOS

A beleza de um dia comum

Wim Wenders · 2023

Uma leitura dos principais temas, símbolos e escolhas cinematográficas do filme.



1. O filme em poucas palavras

Contexto e ponto de partida

Hirayama

Homem de meia-idade que vive sozinho em Tóquio e trabalha na limpeza de banheiros públicos.

Uma rotina precisa

Acordar, trabalhar, ouvir música, fotografar árvores, ler, cuidar das plantas e dormir. A repetição estrutura a vida.

Pequenas rupturas

Encontros com a sobrinha, a irmã, colegas e desconhecidos revelam que por trás da simplicidade existe um passado complexo.

O filme acompanha aproximadamente duas semanas da vida do personagem.

2. A grande pergunta: o que é um “dia perfeito”?

A ideia central do filme

Não é um dia sem problemas.

É um dia vivido com presença.

- Hirayama encontra satisfação em experiências simples e repetíveis.
- A felicidade não depende de grandes acontecimentos ou de acumulação.
- O presente ganha valor quando é percebido em seus detalhes.
- O filme contrapõe o ritmo acelerado da cidade à atenção silenciosa do protagonista.

**“Cada dia é
único.”**

A rotina não elimina a
novidade: ela torna
perceptíveis as pequenas
diferenças.

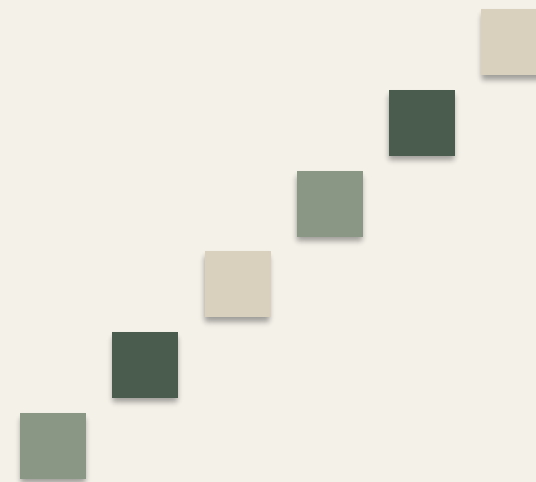
3. Rotina como liberdade

Repetição, disciplina e presença

A rotina de Hirayama funciona como um ritual.

- Horários e gestos recorrentes organizam o dia.
- O trabalho é executado com método, cuidado e atenção aos detalhes.
- A previsibilidade não é apresentada apenas como monotonia, mas como espaço para observar.
- A disciplina permite que o personagem perceba música, natureza, arquitetura e encontros.

ritmo → atenção → significado



4. O trabalho: dignidade no cotidiano

Limpar banheiros como gesto de cuidado

Fazer bem-feito

Hirayama trata tarefas pouco valorizadas socialmente com precisão e orgulho profissional.

Serviço público

Os banheiros deixam de ser apenas infraestrutura: tornam-se espaços de convivência, conforto e respeito.

Valor humano

O filme desloca o olhar da posição social para a maneira como cada pessoa realiza aquilo que faz.

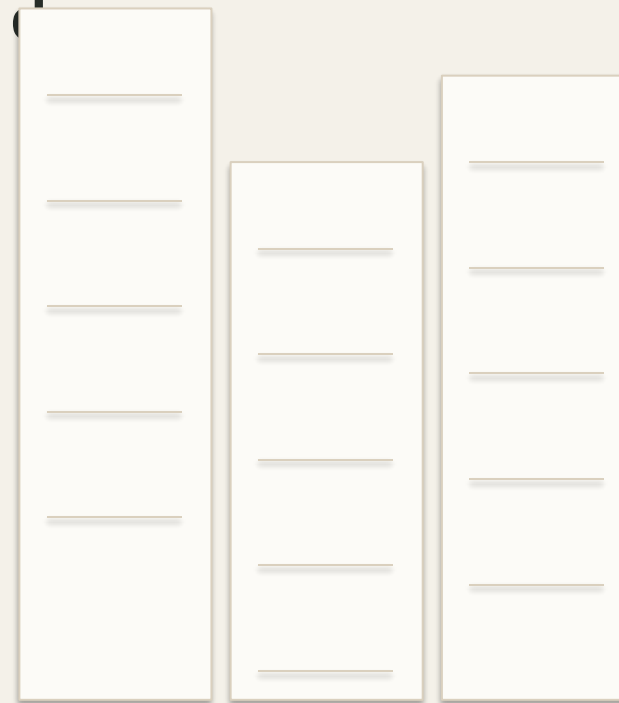
A pergunta implícita é: o valor de um trabalho está no prestígio da função ou na qualidade com que ela é realizada?

5. A cidade e a arquitetura

“The Tokyo Toilet” como cenário e personagem

Os banheiros públicos de Tóquio são parte essencial da linguagem do filme.

- O projeto Tokyo Toilet reúne instalações projetadas por arquitetos e designers reconhecidos.
- A arquitetura cria uma ponte entre função, beleza, acessibilidade e experiência urbana.
- O filme transforma espaços banais em lugares de contemplação.
- A limpeza cuidadosa de Hirayama completa o ciclo: projeto + uso + cuidado.

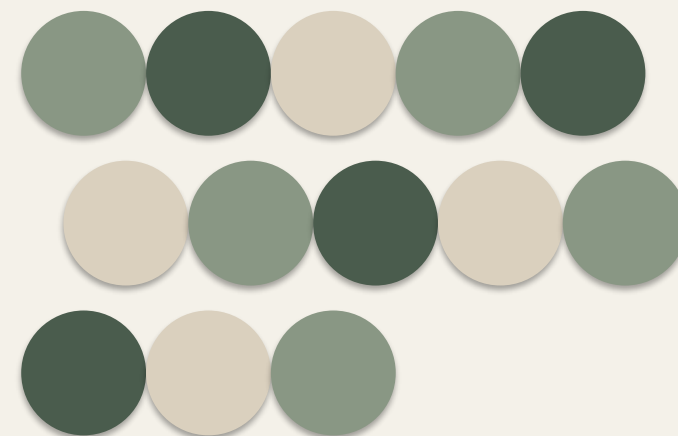


6. Komorebi: a beleza que passa

Luz, árvores e impermanência

Komorebi é a luz do sol filtrada pelas folhas das árvores.

No filme, as árvores fotografadas por Hirayama representam aquilo que existe apenas por um instante.



A beleza não precisa durar para ter valor.

7. Música, livros e fotografia

O mundo interior de Hirayama

Música

As fitas cassete acompanham os deslocamentos e conectam o presente às memórias e à juventude.

Literatura

Os livros ampliam seu mundo interior e mostram uma relação silenciosa com ideias, personagens e emoções.

Fotografia

As árvores e os jogos de luz são registrados repetidamente — nunca exatamente da mesma forma.

Esses objetos não são apenas hobbies: são formas de atenção.

8. O passado que não desapareceu

Família, escolhas e reconciliação

A serenidade de Hirayama não significa ausência de dor.

- Os encontros inesperados interrompem a rotina e revelam partes de sua história.
- A sobrinha Niko aproxima duas gerações e mostra uma relação de afeto sem excesso de explicações.
- O encontro com a irmã evidencia a distância entre a vida que Hirayama escolheu e sua origem familiar.
- O filme deixa lacunas: o espectador precisa interpretar o que foi abandonado e o que foi preservado.

PASSADO

RUPTURA

ESCOLHA

PRESENTE

9. A linguagem cinematográfica

Por que o filme parece quase meditativo?

Silêncio

Poucos diálogos.
Gestos, sons e olhares
carregam grande parte
da narrativa.

Repetição

Cenas semelhantes
retornam, mas sempre
com pequenas
diferenças.

Enquadramento

A câmera observa a
cidade e o personagem
sem pressa,
valorizando o espaço.

Sonho

As sequências em
preto e branco sugerem
um mundo interior mais
livre e ambíguo.

10. O final: entre aceitação e intensidade

Uma leitura possível — sem uma resposta fechada

O desfecho reúne tristeza, memória, gratidão e presença.

- O rosto de Hirayama expressa emoções contraditórias, sem que o filme as explique completamente.
- A música reforça a ideia de viver o dia presente, mesmo quando ele contém dor.
- O final evita uma conclusão moral simples: a vida continua, com seus ciclos e imperfeições.
- “Dias perfeitos” pode ser entendido menos como perfeição e mais como disponibilidade para viver o que existe.

PERFEIÇÃO ≠ AUSÊNCIA DE DOR

**PERFEIÇÃO =
PRESENÇA**

uma possibilidade de leitura

11. Para levar da sessão

Perguntas para conversa ou clube do filme

01 O que torna um dia “perfeito” para você?

02 Rotina pode ser uma forma de liberdade?

03 O filme muda nossa percepção sobre trabalhos pouco valorizados?

04 Hirayama escolheu a simplicidade ou fugiu de uma vida anterior?

05 O que as árvores, a música e as fotografias representam?

06 O silêncio do filme aproxima ou distancia o espectador?

DIAS PERFEITOS

Uma celebração cinematográfica do cotidiano, da atenção e das pequenas diferenças entre um dia e outro.

FONTES CONSULTADAS

- Instituto Moreira Salles — ficha e apresentação do filme
- Cultura Genial — análise de temas e narrativa
- Aoristo / Unioeste — estudo sobre komorebi e fenomenologia
- Creative Review — The Tokyo Toilet e escolhas de produção

Wim Wenders · Japão/Alemanha · 2023